

CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO

MARÇO/ABRIL 2014



ESCALANDO EM PEDRA SELADA

pág. 11 a 13

O DIREITO AO RISCO pag. 04 e 05

A VOLTA DA ILHA GRANDE pag. 06 a 10

"TITANIZANDO" AS ESCALADAS DO RIO DE JANEIRO pag. 14 e 15



*Descontos não acumulativos e mediante a comprovação de afiliação ao clube.

**10 % DE DESCONTO PARA SÓCIOS
DE TODOS OS CLUBES DE MONTANHA.***

MAKALUSPORTS.COM.BR



VENHA CONHECER NOSSOS PRODUTOS
DE MARCA PRÓPRIA.

NOSSOS ENDEREÇOS:

MAKALU CENTRO

Av. Rio Branco nº 50 - Sobreloja
Centro - Rio de Janeiro - RJ.
Tel.: 21-3174-2515 \ 21-3174-2526

MAKALU TIJUCA

Rua Conde de Bonfim, 346 loja 208
Tijuca - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 21-2567-0720 \ 21-3507-9891



ABERTURA DA TEMPORADA DE MONTANHISMO

URCA - RIO DE JANEIRO - 2014

Há 26 anos, os clubes e centros excursionistas e montanhistas do Rio de Janeiro se reúnem para celebrar a Abertura da Temporada de Montanhismo (ATM), caracterizando o início da época mais propícia para o montanhismo. Uma confraternização aberta ao público, que envolve atividades ecológicas, educação ambiental, demonstrações de técnicas de escalada e resgate, apresentação de equipamentos, campeonato de escalada, cinema de montanha e sorteio de brindes. Esse evento atrai montanhistas e escaladores bem como simpatizantes das atividades ao ar livre e conservação das montanhas de todo o Brasil.

O evento ocorre na tradicionalmente na Praça General Tibúrcio, Praia Vermelha, Urca. Neste ano, a ATM está programada para os dias 26 e 27 de abril, das 9h às 20h. A previsão é de atingir um público de cerca de 3.000 pessoas, onde teremos na referida praça: stands da FEMERJ e cultural, tendas dos clubes de montanhismo, parceiros, apoiadores, tenda de workshops, muro de escalada, e o Cine Montanha.

No dia 26 será inaugurado o “Montanhismo Social”, dirigido ao público que ainda não conhece o montanhismo, especialmente crianças e adolescentes. Serão oferecidos minicursos, trilhas, atividades educacionais e outras atividades. Serão convidadas escolas da rede de ensino público e privado e outros grupos, como escoteiros e empresas que se interessem por uma atividade saudável e que inspira habilidades interpessoais, formando cidadãos conscientes. Haverá campeonato de escalada feito na modalidade boulder em muro artificial, cine montanha e workshops e oficinas de segurança em escalada.

Atualmente, a ATM conta com a participação de federações e clubes de outros estados, bem como de parceiros como a Riotur, Secretaria Municipal de Meio-Ambiente (SMAC), Instituto Estadual do Ambiente (INEA) e Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ), escoteiros, e lojas do ramo de esportes outdoor.

A FEMERJ, o órgão oficial e representativo do montanhismo no Estado do Rio de Janeiro, organiza a ATM desde a sua criação. Foi através dela que a atual prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, criou o decreto Nº 31906 de 12.02.2010, incluindo a ATM no Calendário de Eventos Oficiais da Cidade do Rio de Janeiro, a ser realizada sempre no último domingo do mês de abril. Como de costume, o CEB estará presente num stand próprio, apresentando suas atividades e realizações.

Para maiores informações vejam o site da FEMERJ: <http://www.femerj.org/atm/atm-2014>

O DIREITO AO RISCO

André Ilha

A palavra aventura pressupõe incerteza. Não existe aventura com resultados garantidos nem sem alguma dose de perigo.

O caminho evolutivo seguido por nossos ancestrais lhes proporcionou uma série de qualidades físicas e mentais que permitiu multiplicar de forma assombrosa o resultado do seu trabalho, e criar ecossistemas artificiais confortáveis e seguros para si e sua prole, eliminando os perigos e as incertezas próprios do mundo primitivo. Salvo por desigualdades sociais, abrigo, alimento, vestuário, saúde e segurança estão

de certa forma garantidos, permitindo o relaxamento daquelas qualidades inatas originais que nos levaram a conquistar o mundo.

Relaxar, no entanto, não significa eliminar, e para muitos um chamado selvagem, como aquele do livro imortal de Jack London, convida a fazer uso de tais qualidades, ou de parte delas, não mais em busca de alimento ou abrigo ou enfrentando tigres-de-dentes-de-sabre, mas de forma

EXPEDIENTE

Sede Social

Av. Almte Barroso 2, 8º andar
Rio de Janeiro/RJ CEP 20031-000
Tel/fax (21) 2252-9844
Atendimento: 2ª a 6ª das 14h às 21h
Site: www.ceb.org.br
e-mail: ceb@ceb.org.br
CNPJ: 33.816.265.0001-11

Edição de Janeiro/Fevereiro 2014

Organização: Adilson Peçanha e Martinus van Beeck
Revisão: Sinezio Rodrigues
Diagramação: Rodrigo Ribeiro - Cel. 97424-4993
Impressão: Gráfica Tudo Para Ontem
Tel: 24454695 / 2426-0324
e-mail: tudoparaontem@terra.com.br

Capa: foto da Pedra Selada, de Vinicius Viegas

Mensalidades a partir de abril de 2014

Sócios contribuintes:	R\$ 37,00*
Sócios proprietários:	R\$ 22,20
Sócios dependentes:	R\$ 7,40
Taxa de admissão	R\$ 74,00

- Taxa de participação em excursões para não-sócios e sócios com mensalidades atrasadas: R\$ 35,00.
- São isentos da taxa os convidados pessoais do guia, e os convidados de sócios, desde que esta isenção seja aprovada pelo guia.
- Qualquer escalada ou excursão com número limitado de participantes é prioritária para sócios em dia com as mensalidades.

* R\$ 40,00 para pagamento via boleto bancário

Presidente

Horácio Ragucci
horacior@gmx.net

Vice-presidente

Francesco Berardi
fberardi@uol.com.br

Diretor Técnico

Francisco Caetano
fcaetano@yahoo.com

Diretor Comunicação Social

Adilson Rodegheri Peçanha
adilson.pecanha@globo.com

Diretor social

Dora Nogueira
doranogueira@yahoo.com.br

Diretor Meio-Ambiente

Antônio Dias
antoniodiasceb@yahoo.com.br

Diretor Administrativo

Rodrigo Taveira
rtaveira@grupounicad.com.br

Diretor Financeiro

Martinus van Beeck
martinusvanbeeck@gmail.com

1º Secretário

Luis Fernando Pimentel
luisffp@yahoo.com

2º Secretário

Milton Roedel Salles
milton.roedel.salles@gmail.com

estilizada, em atividades esportivas ao ar livre genericamente denominadas esportes de aventura. Surfe, escalada em rocha, mergulho, voo livre e outras mais são atividades que colocam seus praticantes em contato direto com a natureza em seu estado mais indomado. E, além de gerarem um prazer arrebatador, contribuem para que seus adeptos cultivem outras qualidades relevantes como autocontrole, solidariedade, trabalho em equipe, amor à natureza e tantas outras.

A palavra aventura, no entanto, pressupõe incerteza e risco. Não existe aventura com resultados garantidos nem sem alguma dose de risco. Esta afirmação, consagrada nos verbetes dos melhores dicionários, é também espelhada na ótima definição oficial para os esportes de aventura dada pelo Ministério do Esporte. Emoções fortes, até bem fortes, (quase) sem risco e com desfecho assegurado, consegue-se nos parques de diversões, mas não descendo de caiaque um rio turbulento, pulando de parapente do topo de uma montanha ou explorando uma caverna submersa.

Esta característica dos esportes de aventura, todavia, nem sempre é bem compreendida pela maioria da população, que preza, sobretudo, o conforto e a relativa segurança do mundo moderno. Isso de certa forma se reflete em recorrentes projetos de lei que, apesar de bem intencionados, se aprovados, descaracterizariam, ou mesmo eliminariam, aquilo que pretendem regular. Apesar de normalmente voltados para a prática comercial destas atividades - portanto, tendo como alvo primário o chamado turismo de aventura - tais projetos, por redação deficiente, respingam também, e de forma desastrosa, sobre os praticantes amadores.

Tais projetos são estruturados sobre duas linhas bem definidas: a busca obsessiva por certificações e registros formais, numa lucrativa (para alguém) cartorialização que nem sempre apresenta alguma utilidade concreta; e restrições manietantes, inclusive quanto ao livre acesso aos locais de prática destes esportes, muitos deles em parques naturais públicos, que equivaleriam, se aprovados, à sua virtual eliminação, ainda que não explicitamente declarada.

O medo de responsabilização civil e mesmo penal no caso da ocorrência de um acidente, sempre maior devido ao viés paternalista da legislação brasileira, potencializa este processo, e hoje o maior risco enfrentado por um escalador ou b.a.s.e. jumper talvez não seja a sua atividade em si, mas sim advogados que incitam alguém a



André Penna

André Ilha escalando na Ilha Rasa de Guaratiba.

mover processos judiciais se um acidente ocorre. Ou, pior, por praticantes eventuais que, se algo acontece, alegam desconhecer, como se isso fosse possível, que estas atividades são de fato arriscadas, e buscam dividir uma responsabilidade que deveria ser só sua com mais alguém, não raro para tentar obter alguma vantagem financeira.

Como montanhista inveterado e praticante circunstancial de outros esportes de aventura, pleiteio o direito de atender a esta pulsão ancestral com a plena consciência dos riscos envolvidos, assumindo integralmente as consequências da decisão de praticá-los e não esperando jamais, por coerência, que alguém, indivíduo ou instituição, venha a ser responsabilizado na hipótese de que algo dê errado. Não é pretensão exagerada, nem descabida, e precisamos caminhar para uma jurisprudência que assegure este direito.

Este artigo foi originalmente publicado em O GLOBO de 26.12.13 e é um resumo de um artigo mais detalhado do próprio André Ilha, que está disponível na página da FEMERJ: <http://www.femerj.org/biblioteca/artigos/outros>. Você também encontra este link no site do CEB: ceb.org.br.

André Ilha, além de Diretor de Biodiversidade e Áreas Protegidas do INEA, é escalador há 40 anos e sócio honorário do CEB.

A VOLTA DA ILHA GRANDE

Hugo de Castro

Devido ao detalhamento do relato que escrevemos desta aventura e ao pouco espaço disponível no boletim, apresentamos aqui apenas um resumo. A história completa da aventura, além de algumas valiosas dicas, você poderá ler no site do CEB: www.ceb.org.br.

Dia 1 - Abraão x Bananal

Chegamos à Ilha Grande por volta das 9:45hs, mas só começamos a caminhar às 10:30hs, pois um dos nossos amigos de tão organizado que é, demorou 45 minutos para arrumar sua mochila... intercalando com algumas traga-das... heheh... Partindo do cais principal de Abra-ão, começamos a andar para Noroeste, na direção da Praia da Feiticeira e Enseada da Estrela, fazendo a volta no sentido anti-horário,

pois achamos melhor fazer primeiro a parte mais urbanizada da ilha e de frente para o continente, que é muito bonita, mas não tão bela e espetacular quanto a parte oceânica, que faremos a partir da metade da caminhada, que são quilômetros de praias selvagens, algumas até intocadas e emolduradas por uma densa mata verde, cortadas por rios de água cristalina, onde podemos aproveitar o banho gelado para tirar a água salgada do mar.

Por do Sol em Parnaioca.

Passamos rapidamente pelo Saco do Céu, que dizem ter esse nome pelo reflexo das estrelas à noite, de tão calmas e paradas são suas águas. Prosseguimos e chegamos à agitada Praia da Japariz por volta das 16:00hs. Essa praia é movimentada porque possui diversos restaurantes que atendem a praticamente todas as embarcações que fazem passeios pela ilha. Escolhemos o último restaurante para almoçar, que tinha comida a quilo, e aproveitamos para beber mais um pouquinho, só que esse pouquinho se estendeu até às 17:45hs, hora que voltamos a caminhar.

Chegamos à Praia de Bananal, onde a trilha termina literalmente dentro de um bar. Bar nessa caminhada é sinônimo de beber, então vamos lá... bebemos mais algumas e seguimos para o local do pernoite do dia. A programação desse dia era pernoitar em algum camping na Praia de Matariz, pois lá existem algumas opções de campings, além de ser um local muito mais agradável e bonito que Bananal. Entretanto, como o Adilson nos relatou que já tinha bivacado na varanda de um bar em Bananal, nós fomos procurar esse bar para conversar com o proprietário para fazermos o mesmo.

Dia 2 - Bananal x Araçatiba

Depois de uma noite mal dormida em um chão duro e insalubre, acabamos acordando meio tarde e só começamos a caminhar lá pelas 8:45hs da manhã. Logo no início da caminhada, passamos pelo grande escorregamento que

causou a tragédia na Pousada Sankay, que vitimou 31 pessoas na noite do Réveillon de 2010. No entanto, por onde nós passamos não deu para ver os escombros, apenas a grande rocha nua no local que antes já foi uma mata. Subimos mais uma encosta e descemos na Praia de Matariz por volta das 9:20hs. Como o calor estava insuportável, o pessoal resolveu, segundo o Milton, escovar o dente com cerveja, ou seja, encontramos um bar e mandamos ver... Essa praia é muito agradável, de águas calmas e com uma boa faixa de areia.

Chegamos à Praia Longa as 15:00hs, local com um pequeno vilarejo e a pequena e antiga Igreja de São Pedro, mas como igreja não vende cerveja, ficamos esperando o resto do grupo chegar no Bar do Jorge, e para o tempo passar mais rápido, ficamos revezando entre cada mergulho, um copo de cerveja ou de refrigerante IT!. Voltamos a caminhar quase às 16:00hs e seguimos direto para a Lagoa Verde, chegando 30 minutos depois. Ficamos mergulhando nas águas claras da Lagoa Verde por mais de uma hora, e partimos para Araçatiba, onde seria o nosso segundo pernoite da trip. Em Araçatiba escolhemos o Camping do Bené, que fica no meio da praia, praticamente em cima da areia. Aproveitamos o restinho do dia para beber mais um pouco, batendo papo e contemplando o pôr do sol. À noite, após o jantar (bar oferece PF), ficamos deitados nas cadeiras de praia do bar, admirando a via láctea.



Dia 2, Lagoa Verde - Ilha Grande.

Dia 3 - Araçatiba x Praia Vermelha x Gruta do Acaíá x Provetá x Aventureiro

Ficou decidido que nesse dia só a metade do grupo iria visitar a Gruta do Acaíá, que fica no extremo oeste da ilha, e os demais seguiriam direto para Provetá, onde ficariam esperando a chegada do pessoal que foi à gruta, para prosseguir juntos para Aventureiro.

Às 15:50hs chegamos à pracinha onde fica a famosa igreja de Provetá, indo logo para a pequena mercearia na praça central para repor os mantimentos para o resto da trip, pois esse seria o último lugar em que é possível reabastecer. Assim que acabamos as compras, a Cristiane nos achou e nos levou ao encontro dos demais que estavam comendo peixe frito regado com cerveja na frente da praia... coisa chata! Ficamos lá juntos por 30 minutos até o grupo que não foi à gruta sair na nossa frente. Eles queriam fazer a caminhada para Aventureiro com calma, pois essa trilha é a que tem o maior desnível de toda Volta da Ilha Grande.

Descemos rápido a encosta, chegando à linda Praia de Aventureiro às 19:30hs totalmente cansados, mas muito felizes por estar nessa famosa praia. Ficamos no camping do Luiz, que é o último da praia e o melhor estruturado, com cozinha coletiva, vários banheiros individuais e até lavanderia. Embora a energia seja fornecida por gerador, o camping oferece cerveja e refrigerante gelados, além do tradicional também PF. Montamos as barracas, fizemos a nossa comida e antes de dormir arrastamos algumas cadeiras até a praia e ficamos observando as estrelas que estavam mais brilhantes do que nunca pela noite sem lua e sem a claridade da cidade. Ficamos lá batendo papo até passar uma estrela cadente que riscou o céu, mas a diferença dessa é que seu risco ficou marcado no céu por alguns segundos. Realmente foi um show e encerramos o dia com chave de ouro.

Dia 4 - Aventureiro x Parnaioca

Novamente acordamos tarde, e não conseguimos sair antes das 10:00hs, mas esse foi o dia mais tranquilo e também o mais incrível, pois passamos pelas longas praias selvagens de areia fina e branquinha da Reserva Biológica da Praia do Sul e Leste. Antes de colocar o mochilão nas costas e começar a caminhada, fomos visitar o famoso coqueiro caído de Aventureiro, e também passamos no mirante no final da praia. Duas atrações imperdíveis do local.

Grupo reunido, começamos a caminhada seguindo em direção a Praia do Demo até chegar

ao final, onde começa o longo Costão do Demo que é o acesso para a Praia do Sul e Leste. Seguimos tranquilamente pelo costão, que não é muito inclinado. No único ponto que pode apresentar dificuldade, existe um cimentado para dar mais segurança quando o mesmo está molhado. Chegamos à Praia do Sul por volta das 11:00hs com o “sol a pino” nas nossas cabeças, mas o calor era amenizado pelo fresco do vento oceânico. No final do costão, antes de descer para a areia, podemos ver do alto a maior praia da ilha, com quase três quilômetros de uma beleza intocada; realmente é um privilégio estar ali e caminhar pela sua orla. No final da praia existe um morrote chamado de Ilhota do Leste. O caminho de acesso à Praia do Leste passa por trás desse morrote, atravessando o mangue até chegar ao rio que liga as lagoas da reserva à praia. Assim que atravessamos o mangue, seguimos ao lado do rio em direção à praia e a cada passo o visual ficava mais bonito, um dos muitos pontos forte dessa volta. O local era realmente muito belo, pois mesclava a cor cobre do rio com a cor branca da areia, o azul do mar e do céu, quase anil, com o verde da densa mata. Cruzamos os dois quilômetros da Praia Leste sem parar, em seu final descansamos cerca de 30 minutos tomando um refrescante banho, antes de pegar a trilha que segue para Parnaioca, de 2,5 quilômetros, subindo um morro não muito alto. O final dessa trilha de ligação fica na ponta norte de Parnaioca, justamente onde o Rio da Parnaioca cruza a areia da praia, desaguando no mar. Chegamos a esse lindo local às 15:00hs e ficamos ali..., parados por alguns minutos admirando de boca aberta a beleza do local, repondo o fôlego, que foi totalmente consumido pelo forte calor.

Depois de montar o acampamento e comer alguma coisa, o pessoal ficou praticamente com a tarde livre para aproveitar a melhor praia da ilha (unanimidade do grupo), entre um mergulho e outro, um descanso na rede..., e ficamos ali nesse ritmo até o sol descer, encostando na água, proporcionando-nos um pôr do sol incrivelmente flamejante, para o deleite dos espectadores que estavam de boca aberta. À noite, após encarar mais um prato de miojo ou fubá com linguiça, eu, Adilson, Gabriel e Luis ficamos sentados numa mesa redonda perto da cozinha do camping batendo papo e confraternizando com um grupo familiar e muito simpático de Garatucaia, que estava por lá também acampado. Esse grupo também tinha chegado neste

mesmo dia, mas um pouco mais cedo, pois eles vieram de barco próprio que ficou ancorado na praia e em frente ao camping. Eles trouxeram muita coisa para o camping, além de tralhas de acampamento, muita comida e principalmente muita bebida, muita mesmo... (todos os detalhes do incrível encontro com este grupo de Garatucaia, você verá no site).

Dia 5 - Parnaioca

De tão bom que é esse local, o grupo decidiu desfigurar o planejamento para ficar mais um dia ali em Parnaioca, descansando e aproveitando o que a ilha tem de melhor! Eu fui o último a ser convencido, o Adilson precisou até desenhar... mas com toda certeza foi uma ótima decisão, pois esse dia foi um dois melhores de toda volta. E tudo começou porque Caxadaço, local escolhido para o quinto pernoite não tem qualquer estrutura, até mesmo pouco espaço para pôr tantas barracas (nem cervejas tem), além de ser proibido o camping. Então o Adilson teve a ideia de ficarmos mais um dia (o quinto), partindo num esticão até Palmas.

Gostaria de agradecer ao grupo de Garatucaia, todos com apelidos engraçados, pela comida maravilhosa, pela bebida de qualidade e principalmente pela amizade e alto astral!

Fartos e felizes, ainda tivemos disposição de ir à praia para ver estrelas cadentes e logo depois cairmos nas barracas, pois o dia seguinte seria muito longo, pois os únicos pontos permitidos

para acampar após Parnaioca são os campings da Praia de Palmas.

Dia 6 - Parnaioca x Dois Rios x Caxadaço x Palmas

Como de costume, nessa caminhada não conseguimos acordar muito cedo, também a farra da noite passada foi boa. Com a décima segunda integrante do grupo, a cadela "Frida", despedimo-nos do grupo de Garatucaia e partimos para Dois Rios por volta das 9:00hs da manhã, tendo 21km pela frente. A caminhada é bem agradável e se faz por uma antiga estradinha do século XVII que interliga as antigas fazendas de Parnaioca com as de Dois Rios. É possível identificá-la pela largura no corte do terreno e também pelas pontes de concreto que ainda resistem ao tempo. Nesse caminho passamos por diversas atrações, como a gigante Figueira Branca, Toca das Cinzas e diversos mirantes. Em Dois Rios ficamos bebendo e comendo por mais de duas horas e meia; com isso ficamos bem atrasados, pois ainda faltava muito chão pela frente. Fizemos uma reposição de mantimentos básicos na pequena mercearia do bar e logo depois pé na trilha. Para adiantar, um grupo foi na frente e outro foi ao presidio para fazer uma rápida visita e também passar na linda praia de Dois Rios.

Às 14:45hs entramos na trilha para Caxadaço, localizada no início da estrada que segue para Abraão, num desvio para a direita. Fomos rápido e em menos de 50 minutos cruzamos o que já foi



Dia 5, Efeito após o Por do Sol - Parnaioca.



Dia 6, Caxadaço - Angra dos Reis.

um caminho colonial de pé-de-moleque chegando à pequena praia de 15 metros. Ficamos por lá mergulhando na linda piscina natural com águas claras de tom verde esmeralda protegida por longos costões que a cercam, fazendo uma pequenina baía. Lugar lindo que possui muitas lendas e histórias, principalmente sobre piratas e escravos. Depois de quase duas horas de resfriço, mais uma vez colocamos as cargueiras nas costas e entramos na “temida” trilha que segue em direção à pequena Praia de Santo Antônio. Muitas pessoas nos relataram que essa trilha estava fechada e que era muito difícil; temos até um relato de um argentino que nos informou que um colega dele, também montanhista, levou cerca de dez horas para percorrê-la.

Dia 7 - Palmas x Farol dos Castelianos x Lopes Mendes x Sto Antônio x Palmas x Abraão

Nesse dia o grupo ficou dividido, uns foram para o Farol enquanto os demais ficaram nos esperando retornar do farol, pois todos queríamos ir para Abraão, para terminar juntos essa maravilhosa caminhada e é claro... para comemorarmos como só o CEB sabe fazer. Tiramos várias fotos do farol no mirante que fica mais acima e que possui uma vista muito bonita: de lá é possível ver o farol.

Após o feito, colocamos o pé na trilha e voamos sem praticamente parar, fazendo a volta quase na metade do tempo da ida. O único pit-stop foi para visualizar um grupo de bugios que passou por nós pulando pelas copas das árvores.

Grupo todo reunido e acampamento levantado, seguimos para Abraão, último trecho dessa

incrível volta. Voltamos a caminhar bem tarde, por volta das 19:40hs, após o pôr do sol, mas em compensação a temperatura estava amena e agradável. Chegamos a Abraão às 21:00hs, cansados, mas todos embriagados de tanta felicidade por ter completado essa volta. Vale informar também que a cachorrinha Frida, que encontramos em Parnaioca, acompanhou-nos até aqui. Fomos correndo para o camping Cantinho da Ilha para montar acampamento e depois seguimos para a pracinha para comer muita pizza e para bebericar, pois tudo tinha dado certo, e pelos momentos incríveis que tivemos durante essa semana. Até o tempo ajudou, não caindo uma única gota de chuva na região onde mais chove no país, depois da Região Amazônica.

Dia 8 - Pico do Papagaio / Volta para casa

Parte do grupo fez a subida ao Pico do Papagaio, que foi um sucesso; mesmo após uma semana inteira caminhando sobrou disposição para superar os 959 metros de altitude. O visual estava realmente incrível, o céu bem azul e a atmosfera limpa, propiciando uma vista em 360 graus, onde foi possível ver quase toda a Ilha Grande, o continente desde Angra dos Reis até a Restinga da Marambaia e as inúmeras ilhas da baía da Ilha Grande.

O restante do pessoal pegou a barca das 17:30hs que segue para Mangaratiba, depois de uma despedida longa e melancólica da Frida.

Hugo de Castro é sócio do CEB.

CAVALGADA NA ROCHA ESCALANDO EM PEDRA SELADA

Ana Claudia Campos, Dôra Nogueira, Daniel Oliveira,
Gisele Pereira, Patricia Costa, Zozimar Moraes

“O que você vai fazer no feriadão? Bora escalar em Pedra Selada?” Essas eram as perguntas do Zozimar (Menudo) para os escaladores de plantão e amigos ousados. Acho que poucos conhecem ou escalaram a Pedra Selada. Algumas informações técnicas: Pedra Selada fica numa altitude de 1.755m e está localizada entre Visconde de Mauá e a região da Fumaça. O seu nome deriva do seu formato semelhante a uma sela de montaria – não foi isso o que eu, Dôra, enxerguei. O acesso começa na fazenda do Sr. Alcebíades, situada 12 km após o Lote 10, Visconde de Mauá, na direção de quem vai para o povoado do Rio Preto.



Vinicius Viegas

A turma no sítio do Seu Alcibídes.

O caminho para chegar à fazenda... um pequeno enduro na zona rural (deu mais charme ao evento!) e enfim, já de noite: o camping! E lá encontramos a galera, que chegou na véspera e já havia escalado no sábado. O calor humano dos amigos, empolgadíssimos contando a es-

calada, fez a Ana Claudia se perguntar: “*nossa, será que eu também vou sentir isso amanhã?!*” Antes de falar em escalada, vamos abrir uns parênteses: o camping do Seu Alcibíades, um senhor bem humilde e gente boníssima, dono da fazenda onde começa a trilha pra Pedra

Selada, e o atendimento do seu filho Solnei (acho que é assim que se escreve) é de 5 estrelas! Gente, tem até chuveiro quente!

Mais mordomia só tendo quarto com beliche... Ah! Muito importante: não precisamos de ar condicionado. Enquanto no Rio a temperatura beirava os 50 graus, durante a noite usamos casacos bem quentinhos. Como relata Ana Claudia: *“que luxo, num verão desses na cidade ter o privilégio de subir a serra e usar um anorak!”*.

Voltando para a montanha no dia seguinte...

O dia amanhece e... eita! Agora sim, podemos ver a Pedra Selada no pedestal da floresta! A trilha da Pedra Selada é classificada como uma caminhada leve superior: são cerca de 2 horas do estacionamento até o topo. E lá vamos nós animados para o nosso objetivo principal: a escalada da Pedra Selada - toca pra cima que a brincadeira vai começar! A Ana Claudia não tinha muita ideia do que vinha pela frente, mas mesmo assim disse: *“Com essa galera vou segura e na fé!”*

Após uma caminhada numa trilha de 2.600m, chegamos à base da Sela. Na base, depois de muito tempo, as cordadas foram definidas, sendo orientadas pelo guia-mestre-veterano, Siminino. A condição do dia e a propagação do

som estavam tão perfeitas que permitiram que ouvíssemos as instruções do Siminino, que estava no Pico Menor, como se ele estivesse ao nosso lado na Sela. A escalada tem início numa artificial, sendo necessária a colocação de estribos. A via Travessia da Via não é difícil, 3º Illsup A0 E3, porém bem exposta. Acima da Sela, a emoção foi grande para alguns, que o digam Diogo e o Gilson... Finalizando a Sela, rumo ao Pico Maior, onde a adrenalina aumenta por causa do rapel. Na verdade, essa escalada tem três *“momentos de pura adrenalina”*: a passagem em diagonal sobre a Sela, com abismos nos dois lados, a transferência da Sela para o Pico Maior e o rapel em si, que é de aproximadamente 50 metros. *“O maior rapel negativo que já fiz, um visual absurdo. Ainda bem que tem fotos pra traduzir a imagem...”*, disse a Ana Claudia. William Magaiver, na abertura do rapel, deu várias dicas para facilitar a retirada da corda em um rapel longo.

Enquanto alguns escalavam na Sela, Siminino, Lis, Dôra, Banjo, Guilherme e Carla ficaram fotografando no Pico Menor. De repente, uma nuvem muito estranha se aproximou, lançando raios no vale. Em certo momento, esses fotógrafos amadores viveram fortes emoções, quando um raio passou e levantou os cabelos



Passando pela Sela.

Vinicius Viegas

da Lis e do Banjo. Mesmo o fato sendo engraçado, ninguém fotografou - ninguém conseguia baixar o cabelo da Lis, que gritava: “queimou, queimou?” Após este acontecimento, o grupo saiu rápido do Pico Menor, evitando algum acidente com raios.

A turma que estava no rapel ficou tranquila e se preparava para descer, quando outra nuvem negra se aproximou e agilizou o retorno para a base. Já na trilha, começou uma chuva refrescante, que ficou cada vez mais forte. Isto não atrapalhou a descida da turma, mas Siminino, que já estava no final da trilha, falava preocupado com seus botões: “Eles estão no meio da tempestade”. A chuva foi tanta que aconteceram derrapadas e giros de 360°. Teve até gente quebrando stick em três partes...

Não podemos esquecer as duas participantes, inoperantes apenas nas modalidades escalada e caminhada, que foram totalmente operantes no apoio em relação à alimentação, o monitoramento climático, via rádio, fotografia e que foram excelentes zeladoras de barracas. A Gi relata: “No sábado, apesar de não poder fazer esforços, conheci uma cachoeira do lado da casa. Foi um dia bem tranquilo com muitas risadas com as histórias do Seu Alcebíades. Passei o dia admirando os meninos (Banjo, Gui,

Diogo e Gilson) com aquela vontade de estar com eles, que (do camping) poucos conseguiam ver escalando. Chegou uma van com cinco turistas e um deles perguntou: ‘Porque você tanto olha para a pedra?’ Era difícil de explicar, mas eu consegui... No domingo, tive a companhia da Carol. Nesse dia tive o privilégio de ficar com rádio. O legal era passar informações pro Siminino e o melhor foi quando passei o rádio informando que no camping tava caindo o mundo e ele tranquilo dizendo que não ia chegar a chuva. Realmente, a chuva não chegou... Outro momento engraçado foi a Carol e eu atuando como vendedoras do local, vendendo cerveja e água.... Detalhe! Saímos fechando todas as barracas por causa da chuva, que chegou... Diversão garantida mesmo tendo ficado no camping....”. Obrigada Gi e Carol, pelo apoio logístico.

Para terminar, à noite, das barracas ecoava: Boa noite John Boy, boa noite Mary Helen, Boa noite Menudo, Boa noite Dôra... Para terminar um depoimento da Ana Claudia: “Agradeço a todos que estavam neste findi especial, pelo apoio que recebi nos contratemplos e no psicológico do rapel, é sempre assim que me sinto ao lado de vocês, mais forte, confiante e feliz!! Beijo caloroso no coração!”.



A Sela vista do Pico Maior

Guilherme Guedes

“TITANIZANDO” AS ESCALADAS DO RIO DE JANEIRO

Pedro Bugim

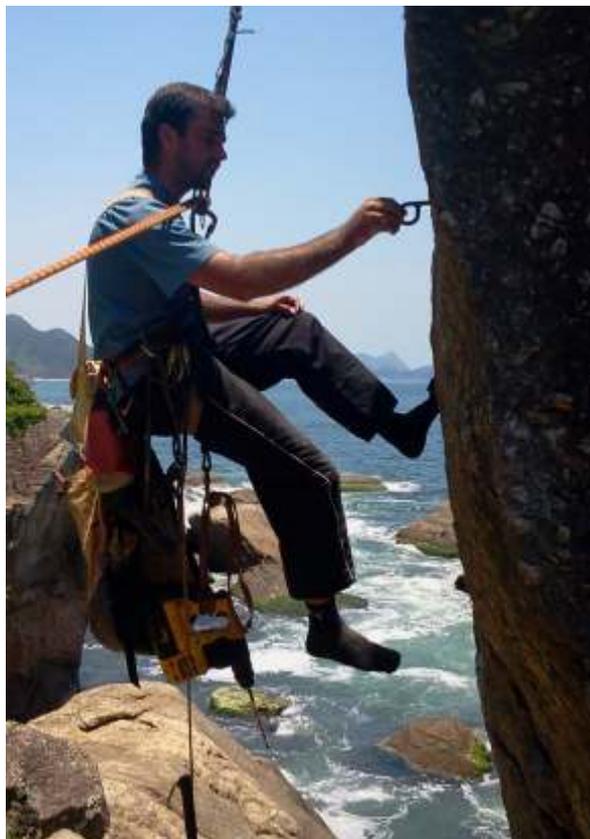
A cidade do Rio de Janeiro conta com mais de 1.000 vias de escalada em rocha, sendo, por isso, justamente considerada como o maior centro urbano para a prática deste esporte em todo o mundo.

Ocorre que muitas destas vias estão situadas à beira-mar, seja em falésias no continente, como Pepino, Vidigal, Joatinga e Barra de Guaratiba, Itacoatiara, entre outras, seja nas ilhas costeiras (Redonda, Cagarras, Pontuda, Alfavaca etc.), locais de elevada salinidade e que, portanto, corroem com extrema rapidez as proteções fixas - grampos de aço - indispensáveis para a segurança dos escaladores.

Para tentar contornar este problema, desde meados da década de 90 optou-se, de forma generalizada, pelo uso de grampos de aço inoxidável para a proteção destas vias, visando sua maior durabilidade com o intuito de se reduzir despesas e trabalho com sua reposição (no médio e longo prazo) e, também, para reduzir o impacto visual que as marcas de ferrugem deixam em nossas belas formações rochosas.

Lamentavelmente descobriu-se agora que, com o passar dos anos, os grampos de aço inoxidável em ambientes de elevada salinidade também sofrem corrosão e, o que é pior, de forma insidiosa, pois ao contrário dos grampos de aço comum, a corrosão em peças de inox não é facilmente perceptível - quando não inteiramente invisível! -, o que significa um risco tremendo para a integridade física dos praticantes do esporte.

Proteções em aço galvanizado, comumente utilizados em regiões de montanha (locais afastados da costa) também apresentam forte deficiência em ambientes salinos, uma vez que sua corrosão se dá em pouquíssimos anos, não apenas deteriorando por completo a proteção, como também deixando horríveis



Pedro Bugim batendo grampo de titânio no Urubu.

Arquivo Pessoal



Grampo antigo em aço carbono.

marcas de oxidação nas paredes, criando enorme poluição visual.

Estes problemas, no entanto, não são insolúveis. É amplamente reconhecido, hoje, que existe um material absolutamente resistente e infenso à corrosão marinha com o qual grampos de segurança para escalada em rocha podem ser confeccionados, e este material é o titânio. Proteções em titânio vêm sendo utilizadas com sucesso em diversos países, nos quais a semelhança com nossa realidade é imensa, devido à alta concentração salina nas proximidades das vias de escalada, como a Tailândia, países do Caribe, a Itália e outros.

Infelizmente, no Brasil não há fabricantes de proteções fixas de escalada feitas com titânio, e mesmo no exterior sua produção foi descontinuada por alguns fabricantes devido ao preço proibitivo. Entretanto, com a enorme colaboração de alguns escaladores (sobretudo o André Ilha e o Tônico Magalhães), foi adquirida uma quantidade expressiva destas proteções, para que um programa piloto fosse executado, recuperando várias linhas à beira mar.

Atualmente, a grande maioria das vias de Barra de Guaratiba está recuperada, graças ao enorme esforço do André & Cia. Outro ponto



Grampo novo em titânio.

que recebeu proteções em Ti foi a Pedra do Urubu, uma das falésias mais clássicas do Rio de Janeiro, na Urca, onde eu, Delson de Queiroz, Kika Bradford & Cia já recuperamos as principais vias.

Outro ponto recentemente recuperado foi a Face Sudoeste do Morro do Leme. Neste local, nada mais nada menos que 58 grampos de Ti substituíram antigos grampos de aço carbono e aço inox, tornando 12 belíssimas vias próprias para a prática da escalada. Para este trabalho, foram necessárias quatro investidas, ao longo de um ano. Como coordenador e executor deste trabalho, contando sempre com a ajuda do incansável Flavio de Lima e outros amigos, posso afirmar com propriedade que o serviço é desgastante, exaustivo e "grudento" (o grampo de Ti não é batido por compressão, mas colado com resina epóxi), porém muito compensador!

Muito ainda há para se fazer, mas tenho certeza que o montanhismo no Rio de Janeiro está no rumo certo e que a médio/longo prazo, o problema de proteções à beira mar será uma vaga lembrança!

Forte abraço e boas escaladas,

Pedro Bugim é diretor técnico da Femerj e guia do CEB.

COMO LIMPAR O SEU MATERIAL DE ESCALADA

UMA PERGUNTA RECORRENTE É: QUANDO DEVO LAVAR MINHAS CORDAS, MINHAS FITAS, MEU BAUDRIER? A RESPOSTA É: BASTA SEGUIR AS “REGRAS DE OURO”!

Francisco Caetano

PRIMEIRA REGRA DE OURO

“Material de escalada NÃO TEM CHEIRO!” E acredite, não tem mesmo... infelizmente! A maior parte do material é constituída de fibras sintéticas e, não raramente, fica impregnada de suor que depois seca... mas se você guarda o material nestas condições em local pouco ventilado, tipo “deixa na mochila e só tira na próxima escalada no outro fim de semana” o resultado será um verdadeiro criadouro de ácaros e bactérias. Assim, ao próximo suorzinho com o seu criatório (fitas, baudrier ou mochila) seu nariz sentirá um futum de peixe podre, com um leve toque de rosas apodrecidas. Um verdadeiro cartão de visitas para aquele parceiro pentelho que adora botar apelido nos outros, ou então um vexame para aquela gatinha que você disse que iria mandar um lance difícil... o mais provável é que quem mande seja ela... te tomar banho.

SEGUNDA REGRA DE OURO

“Não espere o material cheirar!!!” Mas quanto tempo é isso?? Bem, vamos às dicas:

- Se você escalou e se sujou muito, se você se encheu de terra ou se molhou com terra: está na hora de lavar!
- Se você se sujou pouco: hummm, dá para segurar um pouco...
- Passou por líquidos desconhecidos? Lave no ato!
- Mudanças intensas na coloração: está na hora de lavar!

TERCEIRA REGRA DE OURO

“Lavar é para limpar, não para ficar com cara de novo!” Tem pessoas que exageram, querem tirar toda e qualquer mancha e com isso estressam o material. Nem pensar em usar produtos 'tira mancha' ou coisa parecida! Cuidados com as esfregadas, dependendo do material você pode simplesmente estragar a cobertura e a vedação.

AGORA VAMOS À LAVAGEM EM SI

Lavando cordas - Meu método preferido é dedicado a todas as mulheres! Chama-se: “Ai que saudades da Amélia”. Basicamente trata-se de encher o tanque de água até imergir toda a corda e passar pelo avançado processo de turbilhonação manual, chamado de “chacoalhar”: você se debruça no tanque, põe um lenço na cabeça e chacoalha a corda tirando e colocando-a dentro

d’água com movimentos vigorosos. Tal ação deverá fazer com que a água fique turva. Nesse momento, deve-se retirar a corda do tanque, trocar a água e repetir tudo de novo, no mínimo umas quatro vezes, ou até a água clarear. Atenção: jamais a água ficará totalmente limpa, pois a corda sempre vai soltando um pouco de tinta.

Acabou de lavar, esvazie o tanque e retire a corda centímetro por centímetro, passando-a pelos dentes fazendo pressão para retirar o excesso de água. Em seguida, deixe a corda apoiada, de preferência num varal, mas não pendurada e sim apoiada em ziguezague sobre o varal. Ela ficará lá no teto pingando no chão pra desespero de sua esposa! (nesse momento não a deixe ver; convide-a para ir ao shopping! Essa palavra faz milagres, torna qualquer mulher cega pra tudo à sua volta!)

Pontos de atenção: não deixe a corda exposta ao sol, de forma alguma! Não use produtos de limpeza, no máximo um sabão neutro (eu não uso nada!).

Lavando fitas - Deve-se ter muito cuidado com a limpeza de fitas. Algumas têm pequenas dimensões e fibras muito expostas. Nesse caso, lave e esfregue com a mão, usando o mínimo de sabão. Em fitas mais espessas e largas, pode-se usar uma escovinha de cerdas moles. Para secar, as fitas podem ficar penduradas.

Lavando baudrier - Lavar baudrier é coisa complicada. Dá para usar escovinha e sabão de forma mais ampla, mas é preciso ter um cuidado super-especial com a secagem das partes metálicas (fivelas). Muitas delas estão dentro do tecido e são de difícil acesso; para secar essas partes é OBRIGATÓRIA a utilização de hastes de plástico ou madeira enroladas em pedaços de pano seco (isso deve ser feito várias vezes para obter a secagem completa). Se deixar secar com a parte interna molhada o material irá enferrujar! O pior é que a ferrugem ficará escondida e você não vai perceber!

Francisco Caetano é guia e diretor técnico do CEB.

VOCÊ CONHECE SEU GUIA ELTEVAN?

Entrevista

Como é seu nome completo?

Meu nome é Eltevan Moreira de Sá. Não tenho homônimos. Já fui chamado de Estevão (mais comum), Estevan, Estebam, Etelvan, até de Dona Etelvina. Já virei sociedade anônima: El Tevan M.S.A. No aeroporto de Tokyo demorei pra descobrir que a placa "MR. DESA, FROM BRASIL" era eu. El Tevan, em hebraico quer dizer alguma coisa relativa a trovão.

Como você entrou no CEB?

Foi muito interessante! Meu amigo Juan Andrados vinha insistindo pra eu entrar pro CEB. Dizia ele que iria me dar bem, pelo meu porte físico. Na época jogávamos voley na praia e eu era dos melhores, com meus 190cm cortava todas; jogava futebol de praia também e tinha, como todos neste esporte, os pulmões dilatados. "Juan, me poupe, ficar subindo em montanha, já tô velho pra isso, cara". Enfim, acabei aceitando participar de uma caminhada promovida no domingo.

Lá fui eu pra minha 1ª caminhada: a "Cabeça de Peixe", na Serra dos Órgãos. O Juan foi fazer o Escalavrado. Apresentou-me ao Zé Maria, que estava no grupo dele. "Você botou este coroa pra fazer logo a "Cabeça de Peixe"? "Pode deixar, ele é safo". Havia chovido, a trilha estava escorregadia, com muita lama. Com 10 minutos de caminhada já estava muito cansado. Jogar futebol na areia não era tão cansativo. Não conhecia ninguém. Perguntei a um senhor que me parecia ser o líder da excursão. "Escuta aqui, falta muito pra terminar?" "Humm, você que é amigo do Juan, né? A caminhada nem começou!" respondeu secamente e com sotaque enrolado. Era o Berardi. Pensei cá comigo, tô em palpos de aranha. A caminhada prosseguiu. Meu tênis inadequado escorregava pra caramba na pedra molhada. Várias vezes o Berardi e o Mauro Maciel seguravam meu tênis pra eu não escorregar na pedra. Subir naquelas cordas com nós, molhadas e enlameadas, era um suplício! E lá fui eu, tropegamente, sempre ficando pra trás. Então percebi um cara estranho, que vinha atrás. Era o único com calça e camisa jeans apertadas no corpo, vinha bem devagar, não conseguia me ultrapassar. Animei-me. Havia gente pior que eu! Várias

vezes lhe ofereci ajuda, ele educadamente recusava. Coitado deste japonês! Caindo aos pedaços e recusando ajuda. Posteriormente, soube que se tratava do chinês Simon Shikoo Pan, guia do CEB, que era o "cerra fila" da excursão e estava, simplesmente, cuidando de mim. Sua esposa Conchita, uma cigana muito bonita, cuidava das festas. Era a Dora daquela época. Eta caminhadazinha que nunca terminava! Aos trancos e barrancos, caindo aos



Eltevan rapelando a via Luis Arnaud.

Arquivo Pessoal

pedaços, consegui terminar a caminhada. Escurecia, eu todo enlameado, muito cansado, mal conseguia me lavar no poço ao lado do asfalto. O Zé Maria e o Juan me esperavam. "Se este coroa voltou vivo, ele fica no CEB; olha, parece um Zumbi", comentou o Zé. Na 5ª feira seguinte, dia 02/05/1990, fui à sede do CEB e me tornei sócio. Todos queriam conhecer o coroa que quase morreu na "Cabeça de Peixe". Já comecei famoso! Vale ressaltar que há 23 anos eu já era "coroa". Meu Deus!

Como foi seu Curso Básico?

Naquele tempo havia dois diplomas: um de aprovação no CBM e outro do Dedo de Deus. Durante o curso, treinávamos chaminés para poder escalar o Dedo. A prova seletiva era no Morro da Bica, em Cascadura. O melhor local pra chaminés, rapel negativo, fendas e oposição do Estado do Rio. Só que no dia do teste, eu estava numa ressaca tremenda e não consegui fazer nada, estava sem forças. Resultado: fui reprovado. Mas quando o Zé Maria, soube da historia, foi logo decidindo: "Nada disso, o Eltevan vai comigo, me responsabilizo". Na escalada, não dei muito trabalho. Fui relativamente bem nas chaminés. Recebi os dois diplomas. Essa fiquei devendo ao Zé. Passei a ajudar como guia em quase todos os cursos.

Quando você fez seu curso de guia?

Em 1991 fui indicado pra fazer o curso de guia, juntamente com o Wally, Egito, Jorge Campos, Milton Nascimento, Roberto Groba, Maria Isabel, Carrasqueira e outros que não me lembro. O Carrasqueira e o Groba foram reprovados por faltas e indisciplina. O Meu anjo da guarda no curso era o Egito; sua preocupação comigo às vezes me irritava. Conte algumas coisas engraçadas que viveu no montanhismo.

Foram muitas. Selecionei três:

1. Já imaginaram como deve ser o odor exalado do cocô fresco de um animal, cujo prato preferido é carniça? Pois é, estávamos indo escalar o Secundo Costa Neto. Eu, o Zé Maria, Wally e o Diniz. Depois de um cabo de aço terrível e uma chaminé sinistra, paramos em um platô pra tomar água e dar uma descansada. Local agradável. Árvores abrigavam urubus incomodados com nossa presença. De repente um deles soltou seu cocô. Acertou-me na orelha

e no ombro. "Mas, por que eu?" gritei revoltado. Fui pro outro lado, onde estaria mais protegido, assentei em uma pedra, tirei minha bandana pra limpar a orelha e o ombro, enquanto a turma se divertia. Mas o Wally exagerava. Se me contassem, não acreditaria. Sou mesmo um cara iluminado! Desta vez o filho da mãe lá em cima melhorou a pontaria. A segunda cagada me acertou bem na cabeça e o material saiu mais volumoso e mais fedido! Aí o Wally teve um ataque, quase desmaiou de tanto rir, o Zé falava "Isso não existe. Levar duas cagadas de urubu? Só poderia ser o Eltevan". Diniz também se esbaldava de alegria. Eu já estava zangado, queria brigar. "Sobe na arvore, vá brigar com os urubus, não temos nada com isso, mas fique longe da gente, você tá fedendo muito cara, hahahahaha". O resto da escalada era sempre interrompida com risos. Não conseguia me livrar daquela catinga, os pelos do nariz ficaram impregnados. Em casa, lavei a cabeça colocando gotas de creolina na água, ajudou, mas fiquei fedendo durante toda semana. O dilema que persiste até hoje, é descobrir se as duas cagadas saíram ou não do mesmo urubu.

2. Estávamos na trilha pra escalar a Via dos Italianos. Eu na frente, atrás vinham o Zé Maria, o Arthur e o Mauricio Machado. De repente me deparei com uma cobra atravessando a trilha. Assustei-me e gritei desesperado pro pessoal "CUIDADO, A COOOBRA, A COOOBRA!!!" Não sei bem como aconteceu, mas eu gritava e sapateava, tentando me livrar da jararaca enrolada em minha perna. Diz o Arthur que cheguei a levitar por alguns segundos. Inexplicavelmente, não fui picado. O Zé explica que a cobra ficou tão assustada com meus gritos que fugiu apavorada. A explicação mais provável é que ela esticada, não estava preparada para o bote e quando tentou se preparar, nos enrolamos. Ou então era retardada. Depois do susto, foi aquela gozação!

3. Após uma excursão, de volta pra casa, descobri que havia esquecido a chave da casa. Moro no último andar (o 12º). Em cima só o terraço com as máquinas e bombas. Tranquilamente, subi ao terraço, coloquei o boldrié e equipamento de descida, coloquei a corda em uma viga de cimento, rapelei pelo lado interno do edifício e entrei pela janela da cozinha. Já no banho, ouvia varias sirenes: uen uen uen uen. "Hi! O bicho pegou pra alguém", pensei. Não demorou, bateram na minha porta. Atendi pela

janelinha. Eram dois policiais, armados até os dentes. Tudo bem, cidadão? Tudo bem, respondi. O senhor é morador? Sim, sou o proprietário. Aí, ele sussurrou bem perto da minha cara, quase inaudível: “Se tiver algum marginal contigo dê uma piscadinha de leve”. Tive que ficar com o olho bem estatalado, se piscasse, arrombariam a porta. Depois soube que um morador havia me visto entrando de mochila pela janela e botou a boca no mundo. A polícia havia interditado as duas entradas do edifício e a entrada da garagem. Ninguém saía nem entrava no prédio. Veio o síndico, entrou com os policiais no apartamento, tive que depor na 10ª DP e no condomínio. “Mas, querem me proibir de entrar no meu apartamento?” “Pode entrar sim, mas não pela janela”. “Porque não? Entro por onde eu quiser”. “Mas o senhor é louco, poderia morrer”. “Isso não é problema da polícia, é problema meu”. “Mas poderia machucar ou matar alguém lá em baixo”. Foi uma confusão tremenda! Recusei a pagar multa. Fiquei durante algum tempo conhecido como “HomemAranha”.

Qual é a montanha que mais gosta?

As montanhas que mais gosto são a Agulhinha da Gávea e o Pão de Açúcar. A escalada que mais gosto é o P3 (Paredão do Paraíso Perdido). Houve época que fazia o P3 duas vezes por mês. Adoro também a Pedra da Gávea, pra mim a caminhada mais bonita do Estado.

Você já exerceu algum cargo administrativo no CEB?

Fui Vice-Presidente, Diretor Administrativo, Diretor Financeiro, 1º Secretário, 2º Secretário, Diretor de Comunicação Social, Diretor Administrativo, Presidente do Conselho Fiscal, Diretor de vários CBM's, responsável pela edição mensal do Boletim. Também fui contador do CEB por vários anos.

Como Vice-Presidente, eu e o presidente (Valdemir) fomos à favela de Cascadura negociar com os chefes da boca de fumo, para liberarem o Morro da Bica para os cursos do CEB. O acesso ao Morro da Bica ficava perigoso, porque era preciso atravessar a favela que crescera muito. Em uma mesa, com cerveja, rodeados de seguranças armados até os dentes, negociamos com o chefe da favela. Avisaríamos quando houvesse o CBM e eles

não só liberariam nossa presença, como nos protegeriam; mas, exigiriam a participação em cada curso de 2 ou 3 alunos da favela, forneceríamos os equipamentos. Levamos o assunto para discussão em Reunião da Diretoria. Não deu outra, por unanimidade a Diretoria não concordou. Até eu votei contra. Realmente, os riscos eram incalculáveis. Imaginem o CEB ensinando marginais a escalar e fornecendo o equipamento necessário. Nunca mais o campo-escola do Morro da Bica foi usado pelo CEB, mas em compensação ficamos amigos íntimos dos marginais da favela de Cascadura.

Em um dos CBM's tivemos um aluno maneta e um cego. A ideia era criar um CBM para deficientes. Para o CEB seria bom, em termos comunitários. Infelizmente, o aluno cego não chegou a fazer nenhuma aula prática. Devido aos medicamentos que tomava, foi desaconselhado pelo seu médico. Devolvemos o dinheiro já pago e sua participação foi adiada. Mas cheguei a fazer o Morro da Urca com ele. Gastamos mais de duas horas, voltamos de bondinho. Quanto ao aluno maneta, nossa preocupação maior era com a segurança do guia dada por um aluno sem braço. Mas o seu pequeno cotó era forte, às vezes até sangrava, mas resolvia. O aluno Cestari concluiu o CBM, recebeu diploma do curso e do Dedo de Deus, foi classificado com o 3º melhor aluno do curso, foi até capa de Boletim. Em outro CBM, tivemos uma aluna indicada pelo seu psiquiatra. Ela deu muito trabalho, mas quando recebeu o diploma, agradeceu emocionada aos guias do CEB e o médico dela também nos agradeceu, pela recuperação da autoestima de sua paciente. Mas ela acabou sumindo do CEB.

Quais foram as situações mais difíceis vividas por você na montanha?

Foram várias; selecionei três:

1. Estávamos escalando a via Sudoeste, em Itacoatiara, eu e o Zé Maria, em uma cordada e o Egito e a Sandra, em outra. Escalada tranquila, até quando o Egito errou a via e foi forçado a saltar alguns grampos. A via estava suja e ele caiu, pasmem, caiu uns 30 metros. Passou próximo a mim como um trator, arrancando arbustos e jorrando terra, folhas e galhos pra todo lado. Foi impressionante! Quando parou, lá em baixo, estava no meio do platô, de cabeça pra baixo e de costas para a

pedra. Milagre? Os segundos que se seguiram foram intermináveis. Aí ouvimos um gemido: hammmmmmm. Gritei: “Sandra, ele tá vivo”. Descemos pra ajudá-lo, estava todo sujo de terra, com várias marcas profundas por todo corpo, sulcadas pela corda. Perdeu capacete, mosquetões, costuras, sapatilha, mochila arreventada etc. Gastamos toda nossa água pra limpá-lo. Mas o cara é valente mesmo. Foi andando pela trilha sem ajuda, apesar de ter fraturado um pé. A sapatilha que ficou no seu pé ele me deu de presente. Fiquei com um trio de sapatilhas, juntando-a ao par que ele mesmo havia me trazido da Espanha. Até hoje me arrepio e às vezes tenho pesadelos: é o Egito caindo... Aquele não morre mais!

2. Estava escalando o Diedro Phoenix, na Babilônia. Na fenda horizontal, meu parceiro Francisco (tenente do exército) caiu e pendulou feio. Arrancou o tampo da mão ao agarrar a corda e feriu a cabeça em vários lugares. A corda não dava até o chão e não havia grampos intermediários entre nós. Gastei horas pra resgatá-lo até à base. Faltou-me experiência em resgate. Era muito sangue na corda. Felizmente não desmaiou e me ajudou muito no resgate, apesar das dores. Enfim, depois de mais de três horas consegui levá-lo até o carro e de lá para o Miguel Couto. Não houve fraturas, mas levou pontos na cabeça e precisou fazer enxertos na mão. O seu plano de saúde não cobria acidentes em esportes radicais. Tivemos que dizer que havia caído do telhado de sua casa. Nunca mais escalou.

3. Outro sufoco aconteceu quando eu guiava – sem conhecer bem - o Orfeu Negro, eu e o Henrique em uma cordada e o Egito e Sandra em outra. Em determinado ponto, a via cruza com o Chamado Selvagem, uma via de 6º grau para ser escalada com equipamentos móveis, pouco frequentada e suja. Não deu outra, enveredei pelo Chamado Selvagem. Não vislumbrava nenhum grampo. Segui, sem saber pra onde ia, grampo nem pensar, nem pra roubar, usei a barriga, o calcanhar, as unhas, o joelho, a bunda. Uma diagonal sinistra, com fendas na vertical, mas sem pegada, era o único caminho. Soube que o Egito gritava: “Hoje vai ter uma baixa, no dia dos pais”. Pra evitar a tremedeira da adrenalina e recuperar o equilíbrio emocional, contava em japonês (ichi, ni, san, shi, go, roko...). Não caí, mas quando alcancei o grampo xinguei todos os palavrões

que conhecia e em vários idiomas. Mesmo com segurança, ninguém se arriscou a subir até lá. Rapelei, pegamos a via correta e seguimos pela Orfeu Negro.

Depoimento Final.

Comecei a escalar em 1990. Como participante, já caí várias vezes (quando fiz o K2 pela primeira vez, escalei com um tênis velho, porque esqueci as sapatilhas. Disse meu guia Zé Maria: “Esta via a gente faz até descalço”. Só no lance “Os 10 Mais” caí mais de 10 vezes). Mas nestes 23 anos nunca caí guiando, somente algumas escorregadelas. Isso porque tecnicamente sou um exímio escalador? Não. É porque sou bundão, medroso, escalo devagar, com muita cautela e tenho um anjo da guarda “desencarnado” que me protege muito, mas, que já deve estar cansado de tanto trabalho. Se houver possibilidade, também dou minhas roubadas, sem nenhum escrúpulo. Tenho também “Anjos da Guarda” encarnados e quando falo deles me emociono. Quero deixar meus agradecimentos a eles que tanto me ajudaram nos bons e maus momentos: Zé Maria, Egito e Juan. Sem eles, eu não estaria aqui contando todas essas coisas.

Passam também pela minha paisagem verdadeiros companheiros, grandes parceiros: Berardi, Wally, Valdemir, Henrique, Alex, Mauro, Zozimar, Pedro Bugin, Milton, Antônio, André, Mauricio, Arthur e muitos outros. Também, sempre presentes em minha lembrança os meus eternos amores: Eliane, Simone, Lucia, Sandra, Tatiana. VALEU GALERA!!! Mas nem pensem que este depoimento cheira a despedida, nana-nina-não. Somente vou dependurar minha sapatilha daqui a 10 anos. Tô mais firme que prego no angu. Me aguardem.

Eltevan é economista formado pela FACE de MG, formado em Administração de Empresa e Ciências Contábeis pela Faculdade Moraes Jr (hoje Mackenzie) no Rio. Tem curso de Gerência Financeira, pela PUC/RJ e de “Finance Manager”, pela OTCA de Nagoya/Japan. Além disso, é escalador e guia do CEB.



ANIVERSARIANTES

MARÇO

- 01 - MARCELA MESSALA SELVATTI COIMBRA
- 01 - MARTA LUCIA ANDRIGO
- 02 - MÔNICA DE OLIVEIRA VILARIM
- 02 - LUIZ ARTHUR DE SOUZA TEIXEIRA
- 03 - MIRIAM DA GLÓRIA
- 05 - WANEDIL GUERRA DA SILVA
- 06 - MARIA HELENA MAIA MONTEIRO
- 06 - FABRIZIO PELLEGRINI DE AZEREDO
- 09 - MADSON ANDRE DUARTE ANGELIM
- 12 - SIMONE LOPES GUIMARÃES D'OLIVEIRA
- 12 - MÁRCIA VALÉRIA FARIA
- 15 - CHRISTIANE CARMINATI DA SILVA
- 15 - OLIVIA M. S. KOPCZYNSKI
- 16 - YVES LAHURE
- 18 - ANA LUIZA DE LIMA BARBOSA
- 19 - AMANDA DA C. R. DE MELO NOGUEIRA
- 20 - LENILSE CARLA PEREIRA
- 20 - CARLOS EDUARDO VAGELER
- 21 - ANA ESTELA B. DA S. VULCANIS
- 22 - ALEXANDRE NUNES FIALHO
- 23 - ANA CECILIA CORREIA DA SILVA
- 28 - MARIA LUISA AZEVEDO WERNESBACH
- 29 - ANA CLAUDIA DE VASCONCELOS CAMPOS

ABRIL

- 02 - PAULO LEFEVRE
- 04 - MARTINUS VAN BEECK
- 04 - MARCELO RÉGNIER
- 05 - ANA ISABEL AGUIAR CABRAL
- 05 - GONZALO PANIAGUA MARTINEZ
- 06 - PAULO ROBERTO GÓES DA SILVA
- 07 - ROGERIO MAURER DE ANDRADE
- 07 - MAURICIO ROMA CAVALCANTI
- 08 - HORACIO ERNESTO RAGUCCI
- 10 - MARCIA ARANHA C DA F COSTA
- 11 - ANTONIO CARLOS FERNANDES BORJA
- 11 - LUCIOLA MARIA V FERREIRA
- 11 - IGNACIO LUIZ VILELA BARBOZA
- 12 - MARLUCE DOS SANTOS
- 13 - GENI SOUZA BARCELLOS
- 15 - CLÁUDIA DOS SANTOS ELIAS
- 16 - EDUARDO GARRITANO
- 16 - CELSO PERIN
- 16 - EDUARDO DA CUNHA MOREIRA
- 17 - ROSIANE DE FREITAS RODRIGUES
- 17 - ESTER CAPELA
- 18 - LUCAS SILVA PINTO
- 19 - LUIZ PAULO HENOT LEÃO
- 19 - NORMA NERY
- 20 - CLÁUDIA BESSA DINIZ DE MENEZES
- 22 - LETÍCIA ELIAS MENEZES
- 22 - MARIA DA GRAÇA SILVA CASTRO
- 25 - GILBERTO DUTRA DE FARIA JUNIOR
- 26 - BERNARDO DE OLIVEIRA PAIS SILVA
- 27 - SÔNIA BUGIM RUEL
- 28 - LUCIA DA S. VIDA CID
- 28 - FELIPE DE CARVALHO TEIXEIRA
- 28 - VERA DULCE DA SILVA NOGUEIRA
- 29 - MÔNICA PRADO TORRES
- 30 - EUZALIR SANTOS DALE

CHEGANDO À BASE

- MANOEL DA SILVA GONÇALVES
- ANA PAULA DA COSTA LOURENO
- GABRIELA FRANCO D. LYRA
- CHARLES CORDEIRO DE CAMPOS
- NERVAL ROEDEL SALLES
- CHRISTIANE CARMINATI DA SILVA
- RICARDO GOMES DE CASTILHO RIBEIRO

PIQUENIQUE NA FLORESTA

Normalmente os aniversários do mês são comemorados na sede do clube, na última quinta feira do mês. Mas em janeiro foi diferente! Por causa da obra na sede os aniversariantes foram festejados no Sábado, 1 de fevereiro, com um concorrido piquenique no Meu Recanto, na Floresta da Tijuca. A sobremesa era um bolo de chocolate com uma suculenta baba de moça. Foi um sucesso! Só não deu para apagar as luzes na hora dos parabéns...



PROGRAMAÇÃO

vejam a programação atualizada no site
ceb.org.br

Data	Atividade	Classificação	Local	Direção
22/02/2014 a 10/03/2014	CARNAVAL NA COLOMBIA	CAMINHADAS VARIADAS	PARQUE NATURAL DE LOS NEVADOS	CLAUDIA BESSA DINIZ DE MENEZES FRANCESCO BERARDI
28/02/2014 a 04/03/2014	ESCALADAS E CAMINHADAS EM FORROS	CAMINHADAS LEVES E ESCALADAS DE 2º A 7º GRAU	FERROS - MG	PEDRO BUGIM RUEL VERNANO
28/02/2014 a 05/03/2014	ILHA DO MEL (FORTALEZA E GRUTA DA ENCANTADA)	LEVE SUPERIOR	ILHA DO MEL - PR	WILLIAM PENA
01/03/2014	CIRCUITO MORRO DA COCANHA VIA PLATÔ DO CÉU E CAMINHADA DAS ÁGUAS	LEVE SUPERIOR	FLORESTA DA TIJUCA - PNT	HORACIO ERNESTO RAGUCCI MARTINUS VAN BEECK
16/03/2014	BIKE EM CUNHAMBEBE	SEMIPESTADA	ITAGUAI	ANA MARIA XAVIER MARIA NASARÉ MONTEIRO
16/03/2014	PERAMBULANDO NA FLORESTA DA TIJUCA	LEVE SUPERIOR	FLORESTA DA TIJUCA - PNT	ZILDA MAGALHÃES
22/03/2014	CIRCUITO VALE DO SAHI MURIQUI	LEVE SUPERIOR COM BANHO DE CACHOEIRA	MURIQUI	HORÁCIO RAGUCCI MARIA NASARÉ MONTEIRO
14/04/2014	PERAMBULANDO NA FLORESTA DA TIJUCA	LEVE SUPERIOR	FLORESTA DA TIJUCA - PNT	ZILDA MAGALHÃES
16/05/2014 a 31/05/2015	TREKKING NA CHAPADA DIAMANTINA	DIVERSOS NÍVEIS	PARQUE NACIONAL DA CHAPARA DIAMANTINA- BA	MAURO LÚCIO MACIEL
16/08/2014 a 31/08/2014	TREKKING NO EQUADOR	CAMINHADAS ENTRE ALTITUDES DE 2400 A 5000M	EQUADOR	ANTONIO DIAS MARTINUS VAN BEECK

EDITAL

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos do artigo 5º do Estatuto vigente, a diretoria do Centro Excursionista Brasileiro convoca o quadro social para participar da Assembleia Geral Ordinária a realizar-se no dia 30 de abril de 2014, às 19h00min em primeira convocação e às 19h30min em segunda convocação, na sede social do CEB, na Av. Almte Barroso nº2, 8º andar, Rio de Janeiro, para a apreciação das contas dos exercícios financeiros de 2013.

A diretoria do Centro Excursionista Brasileiro convoca o quadro social para participar em seguida da Assembleia Geral Extraordinária a realizar-se no mesmo dia e no mesmo endereço, às 20h00min em primeira convocação e às 20h30min em segunda convocação, para a aprovação de alterações no estatuto vigente a serem propostas pela diretoria.

De acordo com o artigo 6º do Estatuto, para ter direito a voto nestas duas assembleias, o associado deverá:

I – ser associado do CEB há, pelo menos, trinta meses, de forma ininterrupta, não se admitindo, como tal, períodos de afastamento, tais como licença e suspensão, e considerando-se como marco inicial o dia em que irá se realizar a Assembleia Geral;

II – estar no pleno gozo dos direitos sociais.

Parágrafo Único. Os associados Honorários, Correspondentes e Dependentes não têm direito a votar.

Rio de Janeiro, 1º de março de 2014

Horácio Ernesto Ragucci

Presidente da Diretoria do Centro Excursionista Brasileiro



Fotos by Equipe Realcross

“O nascer do sol visto de uma montanha é inesquecível. Mas essa experiência, só vive quem tem aventura no sangue!”



NÃO IMPORTA QUAL A SUA AVENTURA,
VOCÊ ENCONTRA SEU EQUIPAMENTO AQUI!

- Aventura
- Camping
- Trekking
- Mochila e Cia.
- Escalada
- Vestiário
- Viagem
- Bike
- Slackline
- Escotismo
- Off Road



Envie seu e-mail usando o QR Code

- /realcross.aventura
- contato@realcross.com.br
- (21) 3226-8696

WWW.REALCROSS.COM.BR

Realcross Equipamentos de Aventura
Showroom: Rua Piauí, 108 - sala 302 - Méier - RJ

PREPARE-SE PARA CURTIR A NATUREZA

mochilas • alforjes • mochilas de hidratação • purificador de água • bolsas estanques para máquinas e celulares • bandana multiuso • mosquetões • ferragens para escalada • cadeirinhas • cordas e cordeletes • fitas • kit slackline • capacetes • fogareiro • alimentação liofilizada • repositores hidroeletrolítico em pastilhas • calçados • calças • casacos • meias especiais para caminhada • canivetes • lanternas • cantil • sacos de dormir • barracas

10%
desconto*
para sócios
do CEB



ADVENTURA
explore sua natureza

*Desconto individual, não cumulativo, válido por tempo determinado.

Avenida Treze de Maio 47, sl. 102, Centro, Rio de Janeiro - RJ
www.adventura.com.br | loja@adventura.com.br | (21) 2524 2208